

Redacção, Administração e Propriedade
CASA DO GAIATO - PAÇO DE SOUSA - Telef. 5 Cete
Director e Editor
PADRE AMÉRICO
Composto e Impresso na
TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO - PAÇO DE SOUSA
Vales do Correio para CRTH

AVENÇA



Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES — ANO II N.º 220 Preço 1\$00

UMA CARTA

QUERIDO PAI AMÉRICO E MEU BOM AMIGO

Em Agosto de 1946, escrevia-lhe a comunicar a minha entrada na Faculdade de Direito de Coimbra.

Tinha vencido o curso secundário em quatro anos e entrava na Universidade com dispensa do respectivo exame de aptidão, em virtude da boa média do curso dos liceus.



No querido Pai Américo, a Quem devo esta hora: 19 horas do dia 18 de Julho de 1952 — Dia da minha licenciatura em Direito. Após os actos da licenciatura em Direito: rasgado e vestido segundo as proxas académicas.

HERLANDER FREITAS

Sentia, então, o aumento das minhas responsabilidades: um curso superior! Encarei-as com serenidade e confiante, tendo a meu lado as mesmas armas do combate: — trabalho, método e perseverança.

Garanti-lhe, Pai Américo, o cumprimento da missão a que me chamou. Que não havia de afrouxar os trabalhos e que, com o Crucifixo sobre a minha mesa de estudo, removeria todas as dificuldades. Estamos em Julho de 1952.

Terminei os actos da minha licenciatura em Direito.

Sinto, neste momento, alguma coisa de indefinível dentro em mim! Emoção? Não sei. Venci e cheguei ao fim, graças a Deus.

Contrariedades, sofrimentos, invejas e até inimidades — tudo fica para trás, tudo esqueço e tudo perdoo, em face do acto real da minha formatura.

Não quero defender, aqui, uma tese, mas sentir dificuldades, é estúpido para lutar e vencer.

Cheguei ao fim. Com brilhantismo? Não sou eu o julgador. Com trabalho? Sim, com muito trabalho. Não esqueço que via quase sempre os anos lectivos perdidos por causa do serviço militar. Foi

no segundo ano o curso de oficiais milicianos; no terceiro ano, a prestação de seis meses de serviço nas fileiras do Exército para satisfazer as condições de promoção a alferes; e no quarto, mais seis meses para o posto de tenente. Só não fui ao quartel no 1.º e no 5.º ano.

Creio ter cumprido. É este o meu melhor título.

Quão incalculável deve ser a alegria dum pai por ver o seu filho formado, depois de dez anos de cuidados durante o curso secundário e o curso superior! É que as dores e alegrias dos filhos são no também dos pais. Interpenetram-se.

Ora eu não me engano ao afirmar que a sua alegria, Pai Américo, é grande, cheia de plenitude, neste momento. Pois seja a grandeza da sua alegria a medida da minha impercível gratidão sem limites. Bem haja. Beijo-lhe as mãos fervorosamente.

Esta hora também não seria possível se não fora a realza divina da Obra da Rua. Ela é a Mãe. E uma Mãe deve sentir o seu coração abraçado de amor, não porque os seus filhos tenham esta ou aquela posição, mas porque todos eles sabem amá-la, valorizando a dignidade do trabalho em qualquer parte.

Por isso, querido Pai Américo, eu vou aí, a Paço de Sousa, e muito desejo que a Missa do próximo domingo seja em acção de graças ao nosso Bom Deus, pela Obra da Rua e por todos os seus filhos.

Um sincero abraço do filho grato,
HERLANDER FREITAS

OFERTAS

Oferecem-se rapazes para lojas e oficinas e escritórios e laboratórios e construção civil e fábricas e tudo. Pedidos aos chefes dos Lares do Porto e S. João da Madeira e Coimbra. Quem quiser deles em Lisboa, dirija-se ao Tojal. Todas as idades. Todos os gostos. Há um da Guiné e aqui se lembra aos senhores da Pérola da Guiné, no Porto, que o ano passado falaram nele, aqui em Paço de Sousa. É só mandar um postal e ele aparece. Ficará assim a Guiné na Guiné. O curso primário deste ano, tem números formidáveis: Lembro o Presidente, o Preta das casas, o Bernardino, meu refeiteiro que ora sou obrigado a trocar, e Papagaio, outro refeiteiro de categoria. O Guilherme. Todos.



Aqui, LISBOA!

Trinta contos! Foi por esta linda oferta que começou o mês de Julho. Era a Primeira Sexta feira do mês. As cinco da manhã, a pedido dum dos rapazes, desci à capela a dar-lhe a Comunhão; às sete, um outro que ia também para a fábrica, fazia o mesmo pedido. Pouco depois era a comunidade que entrava para a comemoração desse dia. Cumprimos o nosso dever: procurámos o Reino de Deus, restava nos receber o acréscimo, segundo a promessa do Evangelho. E recebemos. Um telefonema de Lisboa anunciava que estava à nossa disposição, no Patriarcado, um embrulho. No regresso da Cascalheira onde em tempos deparei, com horror, com as primeiras furtas e agora assisti ao bota-fora dos últimos moradores, fui buscar o dito embrulho e dei com um envelope com sessenta notas de quinhentos, depositadas pelo desconhecido N. N.

Outra boa notícia foi a que saiu nos jornais, anunciando a Portaria do Ministro do Interior a autorizar a cedência gratuita de 1750 metros de terreno para a construção de moradias para os nossos protegidos.

O arquiteto já desenhou a linda planta de dez destas moradias que vão começar já a levantar-se. Está construída apenas a primeira.

Em 1500, alguém erigiu naquele sítio um cruzeiro que foi derrubado em 1910; restaurado em 1950 ele vai ter por moldura uma dezena de famílias a quem a cruz seque as lágrimas. Este terreno que até aqui só dava cardos, vai ver florir pomares e jardins e almas há tanto tempo amarfanhadas.

Para a Junta da Freguesia, para a Câmara e para o Governo, a nossa gratidão!

E agora vamos ao mês de Junho para registarmos o que ele nos deixou. 50\$ do Lobito; 10 da Marinha Grande e algumas roupas; 100 dum oficial de Vendas Novas. Meu caro Alferes, o seu rapaz promete. De Lisboa um relógio de pulso que foi parar ao do nosso padeiro, o Corre-Mundo, pelo bom pão que lhe sai das mãos e cuidado que põe nas missões que se lhe confiam.

Das Caldas da Rainha, 50 para os Pobres da nossa Conferência e 70 de quem não é nada, para os remédios dos mesmos.

Da Covilhã um senhor satisfaz a vontade da esposa, mandando

100 para o pai dos doze filhos e mais 40 para o mesmo, uma figueirense. Lá fui entregar tudo. Um dos pequenos que acaba de fazer a quarta classe, anda de volta de mim para lhe abrir as portas do Seminário. Ora, há tempos, uma senhora da Praia da Rocha escreveu a manifestar o desejo de dar um padre à Obra. Se esta ou outra quisesse, eu poderia levar mais esta alegria àquela família cristã.

P. M. H. manda 20 em carta de luto; mais de alguém, o dinheiro que gastaria em flores por um amigo falecido; 30 depositados no Banco por Adolfo; 100 duma professora local; 50 duma promessa mensal e 20 em acção de graças.

Num estabelecimento de Lisboa, 4 espelhos. Feita a embalagem apareceu o dono a dizer que estavam pagos. A um vendedor do jornal à porta da igreja de Fátima um envelope com 1.250\$ pedindo uma missa por alma dos seus. É pelas intenções dos nossos benfeitores que quase todos os dias subimos ao altar. Mais 70 pelas Almas.

220\$ dos Produtos Lácteos e 1.150\$ dos Empregados da Vacuum com a pontualidade que todos lhes conhecemos. Mais lenha do Banco de Portugal e mobílias de Lisboa, óptimas para o novo Lar. Uma bola e bôlos de pequenos visitantes da Rua Renato Batista e 650 doutros pequenos visitantes do Patronato de S. Sebastião da Pedreira. Cerca de duas mil latinas de azeite, do G. de Exportadores e todo o fogo de anifício da noite de S. Pedro oferecido pela Fábrica do Sá Couto, nossa vizinha, para alegria dos seus Rapazes. Foi de facto uma noite cheia. Era de rebentar a rir e chorar por mais.

50 para os sapatos do Zeca, cuja tristeza, por ter perdido os velhos, foi notada por um visitante; 200 e 20 de visitantes amigos e 100 e 20 de outros visitantes vicentinos. Na Caixa dos Pobres da Conferência 230\$.

Roupas de Lisboa e de Lourenço Marques; um envelope de Montelo; 100 dum Oficial de Cavalaria, para o Património dos Pobres. 50\$ do José Manuel que andou a juntá-los desde 1950, com um grande abraço que retribuimos. 50 de Oliveira de Azeméis e 100 duma Teresinha de ano e meio.

PADRE ADRIANO

Património dos Pobres



TDIDIINN DE COIMBRA I NIDUIIH

Venho do Tojal, aonde me ficaram os olhos na segunda casinha do «Património». Achei-a mais bela do que a sua companheira, e mais ela é tão bonita! Cercada por um murete, espaço para horta e jardim, janelas de cutelo. Paredes brancas. Pendre a convidar—não falta ali coisa nenhuma. Dentro, porém, está o melhor; o morador. Entrei e conversámos. É uma avó. Tem a sua história. Se a d...queles a quem nada falta, costuma ser extensa e variada, qual será a dos que já mais tiveram um abrigo? Conversámos. De tão simpática que é, o povo do lugar votou por ela numa só voz. Todos quiseram e pediram para que esta segunda casa do Património, fosse para ela. Quão larga e conhecida é a sua história! Quanta piedade. Conversámos. Perguntei-lhe se ela não tinha medo de viver ali sozinha e quem lhe ia encher o cântaro à fonte. Ela responde como quem está segura de tudo e por todos: *Basta eu aparecer à porta que logo perguntam se eu quero alguma coisa.* Que grande dote não tem esta mulher! Como não ha-de ter sofrido e perdoado, para chegar a merecer o carinho de toda a gente! Sim, tinham-me ficado os olhos p...lo que vira da casa; e depois de ter falado com a sua habitante, ficou também o meu coração! Viva o povo do Tojal!

As casas de S. João da Madeira, na Devesa Velha, já estão ocupadas. Na maior, é um casal com dois filhos. Esta família mos-

trava bem o que era, sobretudo pelo semelhante das duas filhas. Sabe-se que na primeira noite, as duas adormeceram e em 10 horas da manhã quando a mãe as acordou. As pequeninas abriram os olhos, olharam em redor e exclamaram; *ó mãe esta casa é nossa ou temos de tornar prá velha?* Eu tinha estado de véspera na casa velha. O medo das duas crianças era justificado...

Na mais pequena, é um inválido. Morava ele num lugar que se não diz e tinha uma vida em que não é bom falar. Fui buscá-lo no nosso Morris. Não tinha nada senão a roupa do corpo e com esta tomou lugar. O povo aplaudia. Daí a minutos, estávamos na sua nova residência. A cama feita. Duas cadeiras. Um lavatório. Mesinha de cabeceira. Na cozinha havia tudo. O homem virou e percorre e torna a mirar: *Nunca por nunca!* Não atingi nem perguntei o significado daquela locução — *nunca por nunca.* Nisto, volta ele os olhos para si mesmo, e com as suas mãos indica-me a roupa que vestia. Compreendi e disse-lhe que sim, daí a pouco tinha um fato. Fiquei contente pelo seu gesto. O homem sente por si mesmo o que não condizia. Deve ser inteligente. Bom sinal.

Mandei retirar quem estava e fico sozinho mais ele. Sabia que Carlos Inácio era o seu amigo, o seu confidente e o seu catequista. É admirável saber-se como um homem daquela idade, comunicava ao pequeno vicentino o drama pungente da sua vida! E acabava sempre por dizer: *Deus não me pode perdoar.* De tudo isto eu sabia pelo Carlos Inácio e ora vou aproveitar os meus conhecimentos. Estávamos a sós. A casa cheia a sabão. O sol inunda. Um vaso de flores na mesa, dá graça. A pocilga tinha sido. E neste momento que eu levanto a minha voz para dizer que com o seu dinheiro e por sua vontade, compre um crucifixo e o suspenda na parede e pergunte a Deus o que é que tem feito no Mundo para tanto merecer... O homem cai em soluços...

Dias depois passo por ali. Estava lá Jesus Crucificado! O Carlos Inácio ganhou aquela alma para Deus. O Carlos Inácio vai ser o primeiro professor primário das nossas Comunidades. Ele já é um sacerdote. Que Deus suscite outros como ele e desta sorte, na Obra da Rua, sacerdotes e professores, todos seremos pescadores d'almas.

Do que nós necessitamos

É só para dizer que não torno a comprar mais nada na rua de S. João, ao fundo, mesmo ao pé do Largo da Ribeira, à esquerda de quem sobe. É o depósito de uma Fundação. Ali fui comprar um lote de panelas para 18 casas dos Pobres, e não me quiseram dinheiro. Ali tornei por mais um lote para 6 casas e fizera na mesma. Agora, fui comprar dois panelões para a nossa casa — fiz escrever no livro que não era para as casas do Património. Pois de nada valeu. Panelas e frete e tudo! Nada! Nunca mais lá torno. Não quero ser responsável por falências. É até quando eu voltar.

O d'hoje é muito pequenino; é quase só para dizer que andei por lá na companhia do Padre Adriano, a quem fiz apresentação dos nos: os amigos. E já agora, informo que o Abel morreu; assim mo disseram quando ia para entrar. Os vizinhos juntaram-se e compraram o caixão. Ele era homem do rio. No mais não, mas neste negócio, barqueiro paga a barqueiro. Fizeram-lhe o enterro. Ali ao pé, estão mais três doentes naquelas condições.

Se percorrermos aquela extensa área e dermos com homens estendidos na cama, não é preciso perguntar nada a ninguém. São. Eles são...!

Fiquei particularmente impressionado com um da rua dos Mercadores, quarto andar. É novo. Quer viver. Não pode erguer-se do leito. Falar também não; tem o mal na garganta. Faz gestos. Abre a boca e os olhos. Eu curvo-me para escutar. Era estrepotomicina. Ele queria uma doze de medicamento. *Ninguém me dá nada.* E tira de uma carteira receitas muito sujas e o cartão de Dispensário e mais coisas falsas. Junto do enfermo está a sublocatária; onze semanas caídas a 50\$00! Ela geme; eu vivo disto... Eis o quadro. Nem comida, nem medicamentos, nem conforto; e por cima: ameaçado. *São onze semanas.* Fosse só este, e nós estávamos bem. Fosse mais alguns naquela rua, também não estaríamos mal. Fosse a rua dos Mercadores o sítio deles e ela cheia em todos os andares de cada prédio, sabíamos que era ali. Mas não. Não é assim. Eles são como as moscas! De tal sorte que, se fosse possível apurar responsabilidades e estes viessem a exame, ficariam todos reprovados. Até ver vamos olhando para os rótulos das organizações de Assistência aos tuberculosos, enquanto eles se vão e deixam lugar a outros. E adeus, até à volta.

Havia de ir aqui hoje um verdadeiro noticiário dos dinheiros e coisas que a gente recebe nestas zonas do Norte; havia sim. Mas eu quero deixar para o Padre Adriano. Que ele também faça e diga alguma coisa. Por agora, basta que eu responda à pergunta de um senhor visitante que estive em Paço de Sousa no dia 8 de Junho, segundo ele; e que entregara mil e quinhentos escudos ao Tripeiro e que está em cuidados, segundo afirma, porquanto, tendo lido todos os números depois daquela data, não viu referências à entrega. Tem razão o nosso visitante; a quantia, o rapaz... tudo Porém, nada de sustos. O Tripeiro deu-me uma nota de mil e uma de quinhentos. Recordo como se fora hoje, não tanto pelo dinheiro como pelo entusiasmo do cicerone e pelo furor que ele causou em toda a aldeia: *ganhei mil e quinhentos escudos.*

Já cá estamos de novo com o novo grupo de trinta na Senhora da Piedade. A saída da estação foi a mesma algazarra.

Estes agora são diferentes dos primeiros. Os outros foram escolhidos a dedo. As mães não sabem o que é zelar os filhos de cujos e rotos que vinham. A cozinheira viu-se quente. Não havia panela que chegasse. O pai-iro teve de cozer todos os dias.

Agora não. Estes já cá têm vindo mais anos. Mais bem arranjados e delicados; outro ambiente.

Dois géneros de gente, ambos com muita necessidade. Eu estou muito contente com ser assim.

Partimos pela segunda vez sem subsídios; só quinhentos escudos para o bacalhau do costume; e cinquenta chegados ontem de Oliveira de Azemeis. Coimbra até às Festas da Rainha Santa andou sobressaltada com a preparação e agora dorme de fadiga. E nós aqui gememos a aturar os seus filhos.

No dia seguinte ao fecho do primeiro turno, encontrei um dos mais pequenos com a mãe na Baixa e ele pede para vir para a outra Colónia e a mãe de lado dizia: *eles lá tinham uma mãe melhor do que cá.* Nós temos que ser as mães.

Ontem, cada um junto de cada cama chamava: *ó Sr. Prior abra-me a minha cama que eu não sei.* E nós abrimos a cama. Temos que fazer Colónias à força para que eles aprendam até a abrir as camas, a remendar os calções, a lavar camisas.

Há dias em plena Sofia encontrei uma das senhoras que costumam a sacrificar a sua própria comodidade pela vida da colónia das pequenitas de Santa Cruz e os cumprimentos foi o desabafo da tristeza que lhe ia na alma: *este ano não temos Colónias, não nos deram o subsídio.* Calei-me e refleti um pouco no meio do buliço próprio daquele lugar e passei-me por diante dos olhos o viver das pequenas que costumam a beneficiar e a família e o futuro e só tive a dizer: *fazem-se, sim senhora; organizem tudo e depois falamos.* Há dinheiro para subsidiar tudo, menos para o bem. No dia quatro de Agosto partirá de Coimbra a caminho da Senhora da Piedade onde irão ter vinte dias cheios um grupo de quarenta meninas das mais pobres de Coimbra.

Padre Horácio

E já agora, quero dizer ao nosso amigo visitante que sendo este adorável rapaz um dos que fez este ano a 4.ª classe e tendo eu levantado a voz no meio deles e pedido um professor, no dia seguinte acode ele a dizer que sim: *quero ser professor primário das nossas Casas.* E lá vai ele fazer exame de admissão. É um irmão do Zé Eduardo!

E já agora, também quero dizer que o Fátca tem provado ser um estudante acima de toda a marca; tendo sido ele da copa e ajudante de mesa no Lar, conseguiu, nas horas vagas, a nota de catorze. Viva o Fátca! Outro professor.

OS NOSSOS LIVROS

Ao embarcar, fica o Barredo na na folha e todos esperamos que ele seja o presente do Natal que vem. Na sua composição entram P. Adriano, P. Horácio, Engenheiro Carlos Galamba, Carlos Gonçalves, Carlos Veloso, Manuel Pinto, Júlio Mendes, o Rádio—e eu também. É uma misturada. Nenhum assina. Parece uma brincadeira e é um breviário por onde tu podes rezar!

A bordo, tratarei de um outro. Outro breviário. Por isso o seu formato será de algebeira.

Há-de chamar-se *de como eu subi ao altar.* Aquele eu é de apagar. Não é um pronome pessoal da primeira pessoa do singular, como as gramáticas ensinam. É simples sinal indicativo do poder maravilhoso de Deus. Assim como eu, podia ter sido outro. Todo o meu mérito está em compreender e reconhecer esta verdade simples. Aqui o equilíbrio.

O livro vai ser uma apologia da presença e do governo do Mundo, por um Deus Pessoal e Operante. Vai proclamar mais uma vez o mistério da nossa liberdade a lutar com a Graça. Vamos ver todos o Pastor; o Bom Pastor a conduzir, a escolher pastagens, a curar, pegar ao colo, chamar pelo nome. E isto muitas vezes e sempre, e a cada uma — até ao fim! O Avelino prediz uma tiragem de cinquenta mil; Avelino é profeta.

Vai ser a bordo. Vou munido de papel e tinta; o resto, tenho-o de cor. Escolherei um cantinho aonde ninguém me veja nem fale. Eu só, mal-los episódios, as lutas, os fracassos, as vitórias — a Graça e a liberdade.

E até, porque Deus assim o permite, acontece que vou pôr os pés nos sítios aonde a luta começou! *Mirabilis Deus!*

Isto é a Casa do Gaiato

Agora

CANTINHO DOS RAPAZES

Por um triz que não perdi ontem o avião. Foi assim: de véspera, tinha sido a festa em Penafiel. Zé Eduardo e outros, com licença, ficaram para a noite. Eu havia de sair às sete e meia, tomar o avião. Tinha prevenido Júlio e Avelino, que estivessem, por causa dos últimos retoques, e eles assim fizeram. Nisto olho e vejo que Zé Eduardo não estava. Mando chamar o chefe, pergunto e soube que ele tinha deixado na sua mesinha de cabeceira um bilhete a dizer assim: — São três horas. Não me chames. Fulano (eu) não se deve importar. Pois importa sim senhor. Tanto me importo que eu imediatamente dei ordens ao chefe para o ir chamar. E atrás dele mandei o Constantino. E atrás do Constantino mandei o Jacinto. E já ia para ir eu, quando ele surge, cara por levar e a meter a fralda pra dentro. Não se importa? Importa sim senhor. Zé Eduardo ouviu-as bonitas ao pé dos seus companheiros... Com tudo isto atrazei-me um quarto de hora, e por um triz não perdi o avião.

Manel Figueiredo fugiu do Lar de S. João da Madeira. É de Vi-seu. Anda nos dezassete. Foi da copa em Paço de Sousa por mais de dois anos, aonde mereceu um emprego. Era da Laborarte. Rara habilidade para desenho. Braço direito e esperança de seu Mestre. Contudo isto o rapaz fogel. Três dias depois de ele o fazer e seguindo eu caminho, dei com ele. Parei o Morris. Chamei. Aí vem o fugitivo. Passava gente na estrada enquanto conversávamos. Disse-lhe um mundo e que até quinta-feira, entraria se de novo batesse; e fora disso, era difícil. Despedimo-nos.

Telefonei ao chefe do Lar o encontro e a resolução, tendo continuado a viagem. Na quinta não, mas na sexta perguntei. O Manuel Figueiredo não tinha aparecido! Volvidos dias, vem carta do Albergue da Polícia de Lisboa; estava lá o rapaz. O Director pergunta o que deve fazer. Eu respondo que de novo o ponha na rua e o aconselhe a regressar. De outra maneira não. Ou livre ou nada. O senhor Comandante do Albergue fez isso e fez mais; pagou-lhe a passagem até S. João da Madeira. Dirigi-me ali. Convoquei. Falei. Manuel Figueiredo encontra-se novamente ao serviço da oficina. Disse que fora até Lisboa levado por o desejo de embarcar para América!



Como tivesse sido necessário proceder a uma transformação radical do nosso sistema de capoeiras, acontece que as galinhas têm andado ultimamente à solta. Chegam à sua antiga residência, vêm tudo fora do lugar e desatam a procurar abrigo como e aonde podem ser. Madrugada, largam seus improvisados esconderijos e quando os rapazes se levantam, já elas o fizeram. Cedo deitar e cedo levantar. Em questão de galinhas, já mais isto esteve tanto em estilo como agora. Assim sim, Campos, avenidas, taludes, hortas, jardins. De entre os côdeços, de debaixo das casas, de dentro dos aquedutos, de cima dos telhados, dos ramos das árvores; — elas aí andam do nascer ao pôr

do sol. Elas e gansos e patos perús e galos e frangos e garnizés. Patos mudos também. É o auge. Tudo à solta. Mas há mais e melhor são as poedeiras. Hoje estava na hora do meu café, quando passa uma data dela a cacarejar, crista vermelha, direitinhas aos ninheiros que elas mesmo buscam nos fundos da casa-mãe. Os rapazes deliram! Cada galinha é uma novidade. Cada ovo, um acontecimento. Sim senhor. Isto é que é a Casa do Gaiato.

Marcou-se-lhe um grande castigo, pelas circunstâncias e pela idade, mas assim tinha de ser. Não há outro processo. Era noite. Estávamos três; o chefe, o castigado e eu. Disse muito pouco. Nestes casos, quanto menos melhor. O rapaz escuta e com as boas noites, poisa um beijo na minha mão direita! Por mim, bastava; estavam as contas feitas e o castigo levantado. Mas eu não moro sozinho nem estou para mim. Há os outros. Eles são centenas. O castigo tinha de ir a final. Manhã fora e aí vem o mesmo rapaz. Queda. Fita-me os olhos e com os dele embaciados, pergunta se eu não acho ter sido ontem um bocadinho severo. Olhos humedecidos, palavra embargada; era tudo a propósito e tudo no seu lugar. Eu tinha de ocupar o meu. Coloquei as minhas mãos nos ombros do rapaz e perguntei quem é que lhe havia de fazer sangue, se eu o não fizessel. Sem uma pinta de azedume, o condenado retira-se e cumpre, para que pela vida fora já mais o condenem.



Agora por fugitivos, digo que o Botas se encontra por moço de copa no Hotel Peninsular. E que o Moléstia, segundo as últimas, encontra-se em Fafe na companhia de um seu tio.

Júlio houve de comprar uma nova máquina para as oficinas da tipografia, e vá de se informar de como e a quem. Andou um dia inteiro pelo Porto e chegou à noite com recado de que o Polónio Basto era o melhor. É a melhor coisinha do Porto. Dia seguinte, Júlio vai fazer o negócio. Às tantas, sou chamado ao telefone. Era ele. Era o Júlio. Tinha acabado e conta-me de como fôra. Sabe, vai ele; sabe, — demorei-me mais um tempo porque estive a ver se esmiçava um desconto maior. Primeiramente, notemos a grã; tão deles, gaiatos, que mesmo nos negócios importantes aparece: esmiçar. Segundo, nota-se de como a Firma é na realidade uma coisa boa, porquanto, segundo Júlio informou, eles não caíram. Por último, medite-se na confiança mútua e de como nós seríamos felizes, se os homens acreditassem uns nos outros.

A propósito, Carlos, do Lar do Porto, foi ontem à rua do Almada, aonde comprou, a crédito, uma grande porção de ferro para a Casa de Miranda. A crédito! Factura a pagar pelo P.º Horácio. E nós somos uma Obra pobre. Se alguém tentasse uma acção de penhora, não encontraria quê. Isto é verdade; mas ele há outra maior: o Mundo fia.

Outra procissão pequenina, sim, mas de respeito. Ora queiram atender. À frente vai o Rio de Janeiro com este estandarte:

«Eu, meu marido e alguns amigos resolvemos oferecer uma casinha para os seus pobres. Aproveitando a ida a Portugal d'um grande amigo nosso, José Maria Dias, que também é grande admirador das suas belas obras, e por isso faz parte da nossa lista, será ele o portador de 12 mil cruzeiros e todos nós, de coração cheio de fé, esperamos poder dar um pouco de alegria a alguém que necessite de um lar.»

Sim; daremos à casa o nome que indica, Casa Luso-Brasileira. Logo atrás vai o Cândido Dias. Cândido Dias entra em todas as procissões do Brasil e da África e mais partes do mundo, por causa do ela por ela. Nesta d'hoje, deu doze mil por doze mil. Este é o mais estupendo reclame que ele pode fazer da sua Casa Bancária.

A seguir ao Brasil vai um guião de Lisboa.

Mais um jeitinho, por favor. Mais por largo. Ele aqui vai:

«Numa hora de grande aflição pedi a Deus uma graça que me foi concedida.

Entregó hoje no Monte Pio, a quantia de 12 000\$00 para juntar mais uma casinha ao Património dos Pobres.

Traduzo com uma dádiva tão pequena, a minha gratidão por uma graça tão grande.»

Na cauda vai o Dundo com o resto da Casa da Lunda, como ficará a ser conhecida: 6 090\$00.

Até hoje 30 dúzias de contos, como deixo registado no livro, que passo às mãos do Padre Adriano — trinta dúzias d'eles!! Começamos ontem!! E até à volta se Deus quizer.

P. S. — Só faltam 658 contos e meio. Coragem! Prá frentel Choremos a sorte dos fechados do coração. São infelizes. Ninguém diga mal d'êles, pois que o seu lhes basta!

Noticias da Conferência da Nossa Aldeia

Os senhores desculpem de por vezes sermos chorões. As circunstâncias assim nos impelem. Não queremos já mais faltar com nada aos nossos Pobres. Eles são tantos e é tanta a miséria que cada vez sentimos desejos de mais e melhor. Por isso, os senhores desculpem-nos.

Vamos comprar, melhor, vamos mandar executar a um carpinteiro um carro para um parafítico, habitante duma casa do Património dos Pobres. Haverá algum leitor amigo que se interesse pelo pagamento da respectiva conta? Se houver, escreva nos uma simples carta ou postalzinho. Nós temos pouco dinheiro e o carro calca-nos o resto...

Hoje registamos somente o seguinte: De Vilar de Andorinho, um senhor já conhecido ofereceu um resto, do pagamento de diversas contas, 17\$00. Do Baixo Alentejo, ou seja da sua capital 100\$. De vez em quando temos alentejanos, graças a Deus! Mais de alguns 30\$00 para a Conferência

Quando este cantinho chegar aos vossos olhos, já nós vamos mar em fora, numa viagem toda paternal. Vós sois os fiadores. Cada um de vós, segundo a sua capacidade, é um fiador da minha viagem. No vosso íntimo, cada um segundo o que é, há de formar se e crescer uma grande esperança. Um sentido elevado de responsabilidade. Uma maior vigilância interior. E porque somos uma Família Cristã, haja no coração de cada um uma prece ao Pai Celeste, para que Ele me dê a palavra enquanto por lá andar. Quaisquer que sejam as possibilidades de colocação, as duas cartas do Herculano Duarte e Carlos Alberto, como vêm no derradeiro número, são doutrina. Por elas deveis formar a consciência e tomar resoluções. Um fala do amor aos seus três filhinhos; o outro, diz da Pátria.

Não vás para enriquecer. Não dês ouvidos a quem assim te falar. São loucos. Vais trabalhar naquilo que é nosso. A Bandeira Portuguesa pode ser arvorada fora da tua porta, no chão; é terra portuguesa.

Em lugar do sentido de enriquecer, vai com o de poupar. Assim está certo. Por aquele caminho, chegarás, sim, a enriquecer; uma fortuna moral e material. Terás dinheiro e fazenda e muita paz interior. Deus ajuda-te e acrescenta e abençoa. Se Ele é por ti, quem pode ser contra?

No meu regresso, desejo e espero ver todos no seu lugar. Saber que todos cumpriram melhor. Falar com mais conhecimento do que por lá vi e ouvi. E trabalhar com mais devoção.

Nós não queremos ser um encargo, mas sim, um valor da Nação. A terra continental, por mexida e remexida, não dá pão que chegue. Os que nascem, estão condenados. Nós queremos ir. Que o Governo nos aproveite. Dantes era descobrir. Hoje, ocupar. Uma coisa e outra exige esforço, presença, amor. Quando fores, faz da que ocupas a tua terra natal. Ali nascees para uma vida nova. Aqui voltas a ver a terra-mãe e regressas.

Mas nós deixamos, noutro sentido, mais fiadores. São os Pobres. Estes mais vós, sois os responsáveis pelo exito da viagem ao Ultramar. Nós somos uma voz; eu ia a dizer uma sombra. Vós e eles é que sois.

Tenho cartas na minha mão: eu cá fico na cama a oferecer a Deus, por st, todas as minhas dores. Estes são os que falam; e os que fazem o mesmo sem nada dizer!! Uns e outros são a Luz. Por eles havemos de semente o Bem. Aprendei e juntai-vos àquele formidável exército. As vossas lutas. As vossas resoluções. Tudo quanto é belo, ofereci. Sede assim para que Deus vos ame. Amai assim, para nós sermos amados nas terras por onde eu for.

de S. Vicente de Paulo de Paço de Sousa, em sufrágio da alma de Um Vicentino que faleceu deixando a todos os que o conheceram um exemplo edificante na escola do amor — purificou-se no sofrimento com os olhos em Deus. E por fim de uma assinante 20\$00. E aqui ficamos por ora.

P. S. — Já temos carro.
Júlio Mendes

PELAS CASAS DO GAIATO

COIMBRA Há bastante tempo que reima entre nós uma febre pela bicicleta. Todos querem e gostam de andar. Para satisfazer e acalmar este desejo, damos nos dias 5 e 6 do corrente um belo e arriscado passeio. Este passeio constava do seguinte itinerário: Partida de Coimbra no dia 5 às 19 horas em direção a Lousada, perto de 34 quilómetros. No dia 6 continuação da nossa viagem até à Praia de Mira, cerca de 12 quilómetros. Regresso com passagem por Cantanhede, cerca de 41 quilómetros. Fizemos então um total de 87 quilómetros. A caravana era composta dos seguintes elementos: sr. Padre Horácio, sr. Prof. Ramos, de Miranda, Alfredo, Carlos Inácio, José Maria, Carlos P., Ratinho, Formiga, Alonso, Victor, Machado, mais dois rapazes de Miranda e um seminarista. A primeira tirada, assim como as restantes, decorreram sem qualquer incidente e de um modo geral muito agradável. Como acima me refiro, a partida foi às 19 horas, mas por diversos motivos só foi dada um quarto de hora depois, com chegada, já com o sol encoberto, a Lousada, terra natal do sr. Padre Horácio. Escusado será dizer que fomos bem recebidos e nada nos faltou durante esta viagem. A primeira coisa que fizemos quando chegamos a Lousada foi ir à igreja local rezar o nosso santo terço a Nossa Senhora. Dali fomos a uma boa cafazada que veio compensar o esforço dispendido a noite foi passada em branco porque tudo falava, atiravam-se batatas uns-aos outros, uns tinham e outros não tinham e estavam sempre a disputá-la entre si. Em resumo uma noite em claro. Ao alvorecer da aurora a primeira coisa de que nos lembramos foi de saber qual tinha sido o resultado do encontro de Hoquei em Patins entre Portugal e Espanha no Campeonato do Mundo. A curiosidade só foi satisfeita no fim da missa. Depois veio uma célebre bacalhoadinha regada com uma apetitosa e boa pinga do vermelho. A partida para a segunda etapa, chamada Lousada, do nosso passeio, foi dada às 9,45 com chegada à Praia de Mira às 10,30. Mar à vista. Uma banheira em água salgada. A chegada de um daqueles barcos de pesca impelidos pelos vigorosos braços daqueles humildes pescadores. Um passeio de barco na ria, com o fim de visitar os aquários aonde vivem soberbos peixes. No Restaurante Braz uma boa e saborosa caldeirada de «Vasca da Gama», aonde não faltou o sangue da uva. A chegada de uma rede com grande quantidade de peixe miúdo o qual depois foi vendido em leilão. Uma boa sonca para a praia, quem quis dormiu, quem não quis andou a passear e eis-nos de regresso. Foi assim que passámos esta parte do dia na Praia de Mira, a qual não se apagará das nossas memórias tão depressa. Ali se respira um ar puro, aonde humildes pescadores vêm ao mar buscar o seu sustento, aonde arriscam a vida dezenas e até centenas de pescadores com os seus braços vigorosos, a pele do seu corpo queimada pelo sol, para que, nas cidades e vilas afastadas, chegue um pouco do seu esforço, uma gota do seu suor e, quem sabe, às vezes, umas lágrimas pelos sofrimentos ocorridos no mar, às vezes, tenebrosos. Nestas poucas horas passadas na Praia de Mira vimos e sentimos, não muito de perto, a vida ruda mas, ao mesmo tempo, sublime daqueles homens do mar que ali empenham a sua dedicação para que não falte aqueles que ficam de fora e, muitas vezes, com o coração a palpitar, não se vá o mar enfurecer e tragar os seus entes queridos e os seus colegas. Estes homens devem chegar ao fim do dia esgotados pela sua labuta, sei lá quantas vezes, sem terem recompensado o seu trabalho. É assim a vida destes homens que trabalham no mar e dele vivem. Deixemos Praia de Mira e voltemos ao nosso passeio. Partimos. Ao longe, olhamos para trás, a ver se descortinamos Praia de Mira mas, os nossos olhos já nada vêem. Julgamos que aquilo foi um sonho, mas não, foi uma realidade. Agora, só as árvores nos acolhem à sua amiga e acolhedora sombra. Sigamos pela sombra e deixemos o sol na sua roda constante em volta do planeta que habitamos. Sigamos porque poderemos vir dias melhores e então se matam saudades. Vamos a percorrer a 3ª etapa do nosso passeio. Partida da Praia de Mira às 16,30 horas e chegada às 18,15 horas a Cantanhede com paragem de 15 minutos, em casa de um seminarista que nos acompanhou até a Mira, que nos ofereceu a preciosidade da sua adegas e das suas belas ameixas. Eis-nos em Cantanhede. A chegada e o 1º gol de Portugal contra a Itália a contar para a final do Campeonato do Mundo de Hoquei em Patins. Enquanto se ouvia o relato deste desafio foi-nos oferecido em Cantanhede um bom refresco que se compunha de cervejas, laranjadas e uma boa provisão de bolos. No final foi o delírio. Portugal Campeão do Mundo de Hoquei em Patins, depois de uma retumbante vitória sobre os hoquistas italianos que não puderam com a vontade férrea dos portugueses, que reconquistaram o céptro perdido o ano passado em Barcelona numa prova infeliz. Bem mereciam os nossos hoquistas o bem mereciam os portugueses que acompanharam os rapazes das cinco quininas, durante uma prova bastante dura. Bem hajam Campeões do Mundo de Hoquei em Patins. No fim do referido relato, fomos visitar o antigo padre da Obra — Padre Manuel Joaquim Gonçalves agora na freguesia de Cantanhede, aonde as suas qualidades de bom ministro do Senhor e de bom homem se têm realçado. As 20,20 horas largámos para Coimbra onde chegámos às 20,30 horas. Esta viagem terminada este esplêndido passeio. Um passeio que durará nas nossas memórias até ao dia em que Deus nos chamar a contas. Sim. Porque

contas, sejam elas boas ou más, todos nós as temos de dar Aquele que nos criou à sua imagem e semelhança. Todos sem excluir um sequer.

Aso terminar esta minha crónica sobre o nosso passeio não quero deixar de agradecer àqueles que nos deram o alimento durante estes dois dias. Aqueles que o tiraram do seu bolso para nos dar a nós, gaiatos do Sr. Padre Américo, sem sequer quererem receber um tostão. Para estes, que me devem estar a ler, eu aqui deixo ficarem bem gravado e bem nítido um sincero e muito obrigado.

P. S. — Neste belo passeio só nos faltou uma máquina fotográfica porque assim ficaria mais bem nítido e gravado este nosso passeio.

JOSÉ MARIA FERNANDES

PAÇO DE SOUSA Nasceram mais 12 bacorinhos. Vamos a ver se, se consegue criar todos.

Creio que sim, o Xico, o qual trata deles, não os deixará perder... no entanto, seja o que Deus quiser. Talvez nos dê mais doze... Antigamente quando o curral era outro, os ratos davam cabo deles... Mas agora não. Agora é um dito curral, até muito... muito, asseado.

No dia 29 de Junho realizou-se um desafio de futebol, entre gaiatos reservas, e Futebol Clube de Cete, com as mesmas categorias, em que saímos vencedores por 3 bolas a dois. Este grupo já foi batido pelo nosso team por duas vezes. Os gaiatos alinharam: Rogério, Júlio, Teixeira e Rui, Fernando e Valette, Malaia, Azevedo, Vieira, Santo e Carlito. O nosso avançado centro em tarde de grande relevo, marcou as três bolas do desafio. Se mais algum grupo queira bater-se com as nossas reservas, é favor participar que nós, cá estamos...

No dia 28 de Junho fez-se a festa de S. Pedro. A noite falava-se só nas bichinhas. Os terreiros cheios de galinhas. As varandas também. Tudo iluminado de barbaças de S. Pedro estouravam. Bichas rabiavam no ar. A Sr.ª D. Ana a conhecer a Senhora dos emblemas, não faltou. Tronxe bichas, balões, foi assaltada... O Sérgio deitou balões. Tudo em festa. Tudo em alegria. No terreiro da capela, a um cantinho veio-se a cascata, com S. Pedro e... bandeja. Moedas caíram...! Enfim era tudol... É assim o S. Pedro na Casa dos Gaiatos!

JÚLIO GOMES

MIRANDA DO CORVO Começaram os exames. Alguns dos nossos rapazes já entraram neles; e como este ano não houve passagens de primeira classe, começaram-se pelos da segunda. No dia vinte e seis de Junho já eles marchavam a caminho da escola de Miranda. As doze horas já se encontravam em casa satisfeitos, pois nenhum trouxe a raposa — se não comiam nos as galinhas. Os que passaram de classe e que agora se encontram a terceira são os seguintes: Zé Bolas, Enguiço, Zé da Lenha, Manequim, Bufão, Caím, Martelo e Lisboa. Como não passou nenhum da primeira e passaram todos da segunda, o Senhor Professor ficou agora sem a segunda classe. Assim como no dia vinte e seis do mês passado, houve também no dia três exames do primeiro grau. O que desejávamos foi o que sucedeu: — ficaram todos e octávio.

Restam agora os de Segundo grau aos quais desejamos um bom exame. Se estes fizerem exame fica cá uma homenagem à espera de emprego ou ofício.

Quero também lembrar que quem tenha livros ou quaisquer objectos escolares de que não precise e no-lo queira dar nos faz grande favor. Agora é a senhora da roupa que não faz outra coisa senão queixar-se de que não tem meias que cheguem para todos, principalmente para os vendedores do FAMOSO. Não há por aí quem tenha meias a mais? Olhem que nós temos a menos. É favor se nos puderem mandar algumas, mesmo que sejam rotas.

Como disse na quinzena passada que nos tinha nascido uma bezerrinha dei uma notícia alegre; hoje é precisamente o contrário: a bezerra morreu e a alegria muda-se em tristeza. Foi uma pena. Uma bezerrinha que há dias era nascida e que se foi embora. Em questão de vacas não temos sorte nenhuma.

Atenção a outro pedido que vos não custa muito, era mandarem-nos selos usados para os colecionadores da nossa casa que querem ajudar os missionários portugueses. Esses senhores dos estabelecimentos que recebem mais correio, era o favor de nos mandarem selos de qualquer nação, de qualquer cor, de qualquer valor. Pede-se o favor de não descolar os selos, cortando e deixando uma margem de papel onde estiverem mandados. Em caso de nos querermos mandar, podem mandar para mim ou para o Manuel Ferreira.

Da nossa Conferência — Recebemos há dias um donativo que foi entregue em Fátima na Concentração Vicentina a quantia de mil escudos com as seis conferências e à nossa coube 167\$50. Recebemos também um donativo de 50\$ não sei de onde e outro de 70\$ numa carta que pede uma Ave-Maria pela conversão dos pecadores onde esta pessoa está também incluída. Diz também que espera continuar a ajudar-nos porque precisa de se sacrificar e por fim tem esta assinatura: um zero. Fica-

mos muito gratos e esperamos sempre que continuem a ajudar-nos.

MANUEL TRINDADE

S. JOÃO DA MADEIRA Acabo agora mesmo de chegar ao destino que de que se trata. Talvez quando os amigos leitores lerem estas linhas, já estejam ocupadas.

Mais duas casas do Património dos Pobres, nesta vila. Bonitas e airoas que elas são. Os seus ocupantes darão graças ao Pai Celeste por esta obra dos pobres, para pobres e pelos pobres. Quem já não ouviu falar em Casas dos Pobres, numa realidade que está tomando vulto em todo o Portugal.

Mas admiro-me. E os leitores querem saber de que me admiro? Pois vão sabe-lo: É que sendo esta vila de S. João da Madeira tão industrial, tão cheia de casas de chaminé alta, como dizia o nosso Pai Américo, é pouco o interesse pelos pobres. Apai Américo, as se construíram, e os necessitados são tantos. Ajudem-nos Sanjoanenses e ofereçam-nos terreno para novas casas do «Património dos Pobres». Isto é a bem da Nação.

Eis uma grande notícia recente. — Foi no passado dia 6, que se inauguraram, ou melhor, que foram ocupadas as duas casas do «Património dos Pobres», que se construíram nesta vila.

Dias antes da inauguração já o povinho por lá andava a cheirar, e a dizer bem.

O sr. Abade da Freguesia tinha avisado na missa dominical, que de tarde estariam abertas para quem as quizesse ver.

As 5 horas da tarde o mesmo Rev. benzeu as duas novas habitações. Nessa altura já muito povo as tinha visitado, e outros estavam-no fazendo quando eu cheguei.

Os ocupantes destas duas casas que são um primor, são: o Benedito de Casaldelo que estava a viver numa imunda barraca, e que agora ao entrar na nova moradia exprimiu o seu contentamento dizendo: «Nunca na minha vida me encontrarei em tamanha limpeza». Este pobre vive sozinho e é doente. Tem uma mulherzita do povo que lhe faz o comer e a limpeza. O segundo ocupante é um casal com duas filhas. Ele é doente pulmonar, o seu ofício é sapateiro. Trabalha alguma coisa por semana que lhe rende 30\$00 pouco mais ou menos. A mulher é que vai arrançando algum trabalho para ganhar o pão dos filhos. A casa onde viviam é das piores, quando chovia era água por todos os cantos.

Agora ambos os moradores, cheios de alegria, vão vivendo os melhores dias da sua vida, numa casinha modesta, que o sol beija com vaidade.

Senhores industriais de calçada, os nossos rapazes estão descalços.

Recebemos dois exemplares do «Isto é Casa do Gaiato» I volume, um de Maíra, outro de Lisboa. Também uma senhora de Figueira da Foz nos enviou revistas e bolinhas de ping-pong. De Lisboa recebemos uma encomenda postal de um amigo que nos trata por *Caríssimos Irmãos*, e que nos envia livros, gravatas e um par de calças. No dia vinte e seis de Junho, da Câmara Municipal, de um Sr. Doutor que sei ser muito nosso amigo, está enviando o «Mundo Desportivo» e outros jornais. A todos muito obrigado.

Como em todas as nossas Casas, aqui neste Lar, também temos pintalhões. Tivemos três ninhadas e ainda está uma galinha no choco. Em todas as casas há amor pelos animais. Temos coelhos, galinhas, patos, um ganso, um porco, e muitas outras coisas. Com respeito a bolos já recebemos algumas que nos ofereceram uns amigos cá de S. João da Madeira. Também tenho a dizer que o Manuel Risonho tem fritado o Pai Américo a pedir para fazer um pombal em condições.

E a terminar, não deve ficar mal, de por intermédio do nosso jornal enviar em nome dos Gaiatos de S. João da Madeira os parabéns aos Hoquistas Portugueses, que terão brilhantemente ganharam o Campeonato do Mundo. Aceitem pois, senhores componentes da Equipa Nacional de Hoquei em Patins, os nossos melhores cumprimentos, e parabéns por esse histórico feito.

MANUEL PINTO

TOJAL Está cá agora um senhor Padre novo dos Açores, vem treinar-se para fundar uma casa de Rapazes em Ponta Delgada.

Nós estávamos todos à espera dele. Muitos ficaram admirados por ele ser branco, julgavam que era preto da África. Os que já estudaram geografia sabem bem que os Açores não são África mas sim Portugal Insular. Os que vão fazer exame da 3ª classe este ano são nove e outros tantos da 4ª classe.

Mais uma vez nos veio visitar com grande alegria, nova excursão da Rua Renato Baptista.

Desta vez vieram as crianças e rapazes e meninas. Ofereceram-nos uma linda bola nova da loja do Peyroteo. A hora do lanche as senhoras que vieram distribuíram-nos bolos e bolachas, e os nossos rapazes andavam todos contentes com os grandes punhados de bolos.

Também nos deixaram vários embrulhos.

No passado domingo dia quinze foi aqui feita uma festa em honra dos Senhores Professores. Vieram crianças de todas as escolas das freguesias vizinhas, com os seus mestres.

De manhã foi a missa nas ruínas da nossa

igreja, e à tarde fez-se a procissão do Corpo de Deus. Era para fazer-se a sessão solene à noite mas o tempo não deixou.

Foi adiado para ontem. Armámos um grande palco no alírio do nosso palácio. Estavam os professores, alunos e também os Senhores Doutores Médicos, quatro bandas de música, e o largo cheio de povo. Em primeiro lugar fizeram-se os discursos das crianças da escola e alguns professores, depois representou-se uma linda peça de teatro feita pelos gaiatos e pelos meninos e meninas das escolas que tinha por título a Floresta Encantada.

Correu tudo tão bem que foi um assombro. Não houve ninguém que não ficasse encantado com a nossa festa.

Carlos Alberto Lopes

PORTO A Nossa Conferência: Antes de principiar esta crónica, quero pedir desculpa aos nossos leitores e amigos, em especial àqueles que se prezam pelas notícias da nossa Conferência, de nem sempre enviam notícias para o jornal, umas vezes por falta de tempo, mas principalmente, para dar oportunidade, a que as outras Conferências das nossas Casas falem também sobre a sua acção Vicentina.

Isto porque julgo ser maçador, vir no mesmo jornal, várias crónicas Vicentinas respeitantes à acção desenvolvida por cada uma das Conferências.

Dito isto, vou falar em seguida da nossa actividade.

Damos conhecimento a todos, que ao contrário do que tínhamos anunciado, não chegamos a ir a Fátima por falta de transporte à última da hora. Queríamos por isso desculpa àqueles que nos queriam lá ver, mas que, pelo motivo já apontado, tal desejo nosso e deles, não pôde ser realizado.

Donativos — Foram-nos enviados os seguintes donativos: 166\$60 entregues em Fátima ao sr. Padre Adriano. Do sr. Casimiro, 100\$00. Entregue ao Pai Américo 500\$00. Anónimos 70\$00. Subscritores 45\$00. Entregues no Lar 15\$00. A todos o nosso mais vivo agradecimento.

Casas para pobres — Foi lavrado na acta, o pedido a formular ao sr. Presidente da Câmara Municipal do Porto, sr. Coronel Luciano Presa, por uma comissão composta por rapazes da nossa Conferência, respeitante à cedência de terrenos para construirmos, casas para pobres na lavrica cidade do Porto. Estamos certos que o sr. Presidente da Câmara nos ajudará, assim como esperamos de todos o mais vivo acolhimento, pela ideia que vai ser brevemente posta em prática. Esperamos que todos nos ajudem para assim construirmos no Porto «Património dos Pobres».

Nós somos a Juventude. A Juventude não pára, pois parat é morrer. Mãos à obra, *Patrimónios levantados e Barredos abaixo*.

A visita dos nossos pobres a Paço de Sousa — Foi no passado dia 29 de Junho (Dia de S. Pedro), que nos deslocamos a Paço de Sousa na companhia dos nossos pobres.

Eles desejavam ardentemente visitar a nossa Obra, as casas dos seus irmãos pobres e cumprimentar de perto o nosso Pai Américo. Partimos naquele dia às 10,30 horas da manhã, e chegámos lá ao meio dia.

Chegados lá, esperavam-nos os Vicentinos da Conferência de Paço de Sousa e o Pai Américo. Em seguida, juntamente com eles, fomos visitar às casas dos pobres. Os nossos pobres viram e apalparam demoradamente a casa e sua mobília aos quais não faltou lágrimas de alegria e de comoção, e desejos de possuírem uma casa assim.

Não se pode descrever a de alegria por tudo quanto viam, assim como de compaixão por aqueles (alguns aleijados) que nelas viviam.

Em seguida fomos para a nossa aldeia, onde nos dirigimos à capela onde o Pai Américo, disse da sua alegria por estar junto dos nossos pobres. Falou em seguida de Jesus, o mais pobre dos homens, e do jantar que em seguida iriam ter. Após uma pequena oração, saímos para em seguida entrar no refeitório, onde nos esperava um rico jantar. Este constou do seguinte:

Sopa, pão e vinho. Arroz de forno, batatas de forno, galinha e carne de porco. Fruta, doce e caldo seco.

Todos disseram que nunca comeram assim, e como a sopa, estivesse muito boa, eu acrescento que alguns comeram quatro pratos dela. Um deles foi o meu pobre. Em seguida os confrades levaram os seus pobres a visitarem as casas da aldeia, os estábulos, capoeiras, etc. Em seguida deram uma volta à quinta e descansaram na mata. As seis horas, estávamos na camioneta, onde o nosso Pai Américo deu uma placa de 10\$00, por cabeça, a cada pobre. Os pobres vinham loucos de entusiasmo pelo que chegaram ao Porto contentes e felizes.

Restam-nos agradecer ao nosso Pai Américo todo o bom acolhimento de que foram alvo os nossos pobres, à senhora de Pomar de Santa Catarina por nos acompanhar e nos dar cabaças de fruta para serem distribuídos pelos pobres e à senhora D. Ana por ter dado a servir os nossos pobres, gesto esse que nós muito apreciamos.

A todos, em nome dos nossos pobres, muito e muito obrigados.

Um pedido — Se alguém tiver terrenos que nos queira oferecer, para nela construirmos uma casa para um pobre, que a peço, pois nós muito agradeceremos a generosidade da oferta, pois ajudarão a tirar um pobre das tocas do mercado.

Casas para pobres. É a ordem de Barredo.

Carlos Veloso da Rocha